

INTERRELAÇÕES ENTRE A SOCIOLINGÜÍSTICA E A DIALETOLOGIA

Isabella Cristina Amorin de Lucena - UFPB
Tatiana Maranhão de Castedo- CEFET/ RN

O estudo da língua dentro de um marco social nos oferece numerosas oportunidades para enxergar a variação linguística que se pode observar nos distintos contextos socioculturais e nos diferentes aspectos da língua: componentes da língua (fonológico, léxico, sintático e semântico); as regiões ou espaços geográficos (Madrid, Buenos Aires, Canárias, Peru); os grupos sociais (classe alta, média, profissionais, obreiros); as diferenças entre os falantes (idade, sexo, educação, etnia); os estilos de fala (formal, informal, literária, íntima); os atos ou acontecimentos comunicativos (saudações, desculpas, piadas, debates); os tipos de textos (orais, escritos, espontâneos, não-espontâneos); os domínios sociolingüísticos (casa, vizinhança, escola, trabalho, religião). Sem dúvida alguma, a língua está na sociedade e se reflete na linguagem.

Considerando que o objeto de estudo da dialetologia é estudar os diversos dialetos da língua através dos espaços geográficos e o da sociolingüística, estudar sistemas linguísticos em seu contexto social, podemos observar que as duas disciplinas, embora tenham propósitos diferentes, complementam-se porque ambas estudam a língua dentro da sociedade.

Este trabalho tem o objetivo de analisar o uso do “vos”, pronome de tratamento da língua espanhola, dentro de diferentes comunidades linguísticas e regiões, ou seja, enquadrá-lo sob o viés da dialetologia, bem como da sociolingüística. Traçaremos um percurso do uso deste pronome, desde suas origens até a atualidade. Buscar-se-á, através deste estudo, mostrar as diferenças apresentadas por diferentes grupos sociais e regionais no tocante à utilização do pronome “vos”.

Como suporte do nosso referencial teórico, abordaremos a teoria da sociolingüística variacionista que defende um modelo de descrição e interpretação do fenômeno linguístico no contexto social de comunidades urbanas. Para esta corrente, a explicação das diversidades linguísticas encontram-se em fatores sociais como idade, sexo, ocupação, origem étnica, classe social etc. Por tratar-se de um trabalho fundamentado na interdisciplinaridade, também abordaremos teorias que permeiam a dialetologia. Considerando que linguagem, cultura e sociedade são fenômenos inseparáveis, não podemos separar as duas teorias abordadas: sociolingüística e dialetologia. Cada uma destas disciplinas amplia nossos conhecimentos sobre a variação linguística através do tempo, do espaço e das pessoas.

A dialetologia, com seus estudos das variações geolingüísticas e os novos enfoques relacionados com a variação social (dialetologia social e urbana), nos oferece valiosa informação da língua na sociedade. A sociolingüística, por sua vez, contribui com outros dados acerca do comportamento da língua e dos falantes. Seu ponto de partida é a comunidade linguística, um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas a respeito aos usos linguísticos. Uma comunidade de fala se caracteriza não pelo fato de se constituir por pessoas que falam do mesmo modo, mas por indivíduos que se relacionam e que orientam seu comportamento verbal por um mesmo conjunto de regras.

Os estudos da sociolingüística podem ter alcances diversos, a depender dos seus objetivos, pode descrever a fala da cidade de Buenos Aires, de uma comunidade do Rio de Janeiro, dos estudantes de medicina ou dos policiais. Ao estudar qualquer comunidade linguística, a constatação mais imediata é a existência de diversidades ou da variação. Toda comunidade se caracteriza pelo emprego de diferentes modos de falar – variedades linguísticas.

Qualquer língua, falada por qualquer comunidade, exhibe sempre variações. Nenhuma língua apresenta-se como entidade homogênea, todas são representadas por um conjunto de variedades. Por isso, procuraremos, com uma pequena amostra, representar os percursos realizados pelo pronome “vos” em diferentes comunidades linguísticas como representação da variação existente entre diferentes países hispânicos e até mesmo em diferentes grupos sociais de um mesmo país.

1. Percurso da Lingüística

Mas o que é linguística? O termo foi empregado pela primeira vez em meados do século XIX para diferenciar as novas diretrizes para o estudo da linguagem, contrapondo-se ao enfoque filológico tradicional. Enquanto este último ocupa-se da evolução histórica das línguas, tal como se manifestam nos textos escritos e no contexto literário e cultural associado, o primeiro prioriza a língua falada e as diferentes maneiras como ela se manifesta em determinada época e sociedade.

O homem, como parte essencial da sociedade não teria vida sem um sistema de signos que lhe permitisse comunicar-se. Desde o século II a.c. até o século passado, a lingüística era motivo de grandes preocupações para os gramáticos, mas o italiano Graziadio Isaia Ascoli contribuiu para o interesse pelo conhecimento das falas populares, ou seja, conhecer a língua do povo em suas diversidades geográficas.

A linguística origina-se antes do século XIX, quando ainda não havia adquirido caráter científico. Em 1930, Karl Vossler já podia afirmar que os filólogos literários se apoderarão dos documentos escritos, enquanto que os linguistas andarão como nômades em busca dos dialetos que se falam pelo mundo. Porém, temos que reconhecer que se trata de uma diferença material e não substancial. Filosoficamente dá no mesmo: que a manifestação verbal permaneça fugaz e momentânea ou que esteja gravada nas escrituras.

O reconhecimento da dignidade dos dialetos só acontece graças ao nascimento da linguística como ciência histórica. Foi visto que, no descuido da fala viva, perdia-se a possibilidade de criar uma história linguística de caráter científico pela falta ou indiferença aos materiais, mas Nordier, ao sugerir que, para conhecer melhor a própria língua, era necessário conhecer os dialetos, muito mais convincente se pensarmos na necessidade científica de dispor de uma gama de materiais para guiar nossas teorias. Quando os dialetos se equipararam com as línguas de cultura, houve uma evidente inversão de termos: a dialetologia se antepôs a qualquer outra manifestação linguística e se afirmou a preeminência da língua falada sobre a escrita, pois analisou-se que as línguas literárias, originalmente, não são outra coisa senão um dialeto. Daí, conclui-se que a língua escrita parte da oralidade e por isso, não se pode abandonar os estudos dos dialetos (formas antigas e atuais da língua).

Por ser a língua um organismo vivo, em constante mutação, os neogramáticos associavam à evolução histórica da língua a algumas leis fonéticas, regulares e imutáveis, que possibilitam a retomada das formas originais da mesma.

Por volta do século XX, surgem correntes linguísticas influenciadas por outras decorrentes de um século anterior, como a desenvolvida por Humboldt, para quem a linguagem e o pensamento constituem uma unidade. Assim:

A língua não é entendida como apenas a manifestação externa do pensamento (algo que vem depois do pensamento), mas aquilo que o torna possível. Ela tem, nesse sentido, um caráter constitutivo, viabilizando a elaboração conceitual e os atos criativos da mente. É por isso que Humboldt afirma que a língua é um processo, uma atividade (*energeia*) e não um produto (*ergon*). Entretanto, mesmo sendo um processo, ela é, ao mesmo tempo, algo que permanece e algo transitório (MUSSALIM, BENTES, 2005, p. 44).

Posteriormente, em meados do século XX, surge o estruturalismo saussureano que defende a idéia da linguagem como um sistema abstrato de relações diferenciais entre todas as suas partes. Esse sistema se apresenta subjacente aos fatos lingüísticos concretos e constitui o principal objeto de estudo do linguista. Saussure, através das suas dicotomias (sincronia e diacronia, língua (na esfera social) e fala (no campo individual), significante e significado, paradigma e sintagma), estabeleceu uma série de definições e distinções sobre a natureza da linguagem. Apesar das contribuições de Ferdinand de Saussure terem sido

vastíssimas, muitos teóricos repensaram, ampliaram e refutaram suas idéias, afinal as indagações e as discussões são indispensáveis para toda ciência amadurecida.

2. A Sociolinguística Variacionista

Com a evolução da linguística no campo da ciência surgem vertentes, tais como a Sociolinguística que incorpora o caráter e a função social da linguagem, isto ocorre através das repercussões no comportamento do indivíduo e dos condicionamentos sociais (classe social, sexo, educação, idade e ocupação) determinantes das variações linguísticas dentro de uma língua, assim, a Sociolinguística é o ramo da linguística responsável pela relação entre a língua e a sociedade, começando a ser investigado, minuciosamente, a partir dos anos 50.

Alguns teóricos tiveram êxito ao estudar a Sociolinguística, porém, como figura chave, o teórico William Labov (1960) iniciou uma gama de investigações sobre a variação linguística, as quais revolucionaram nossa compreensão de como os falantes utilizam sua língua.

É de suma importância citarmos que o objeto de estudo da Sociolinguística engloba os padrões de comportamento linguístico encontrados em uma comunidade de fala, formada por pessoas que compartilham traços linguísticos comuns dentro do seu grupo, desse modo, há uma formalização através de um sistema heterogêneo, composto por unidades e regras variáveis.

Alguns termos que são empregados na Sociolinguística merecem atenção, tal como as diversidades encontradas na linguagem recebem o nome de "variantes linguísticas". Tarallo (1986, p. 08) afirma que: "variantes linguísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de *variável linguística*". Nesse sentido, não há como dissociarmos a língua do seu contexto sócio-cultural, pois a heterogeneidade que emerge nos usos linguísticos muitas vezes é encontrada em fatores externos ao sistema linguístico e não só nos fatores internos à língua, assim, o intuito de um estudo sociolinguístico baseia-se na análise e na sistematização de variantes linguísticas usadas por uma mesma comunidade de fala, levando em consideração a influência que cada fator, ora interno, ora externo ao sistema linguístico, exerce na realização de uma ou de outra variante.

Não há dúvidas que com as modificações decorrentes da língua, a variação linguística passa a ser um dos assuntos mais abordados quando nos referimos à língua e à sociedade, por isso as pesquisas relacionadas à Sociolinguística têm traçado um perfil da mudança em progresso e um perfil da variação proveniente da combinação dos resultados das variáveis de idade, sexo, classe social e nível de escolaridade, a partir da noção de prestígio, o que demonstra a necessidade de estudarmos, cada vez mais, a língua e a fala atreladas às comunidades, às pessoas que transformam idéias em palavras e ações.

3. Dialetoлогия

A dialetologia é uma ramificação da linguística com uma longa tradição e metodologia suficientemente definida e capaz de estabelecer fronteiras geográficas sobre os usos de certas formas linguísticas, sejam elas fonológicas, morfológicas, sintáticas ou léxicas. Entre os estudos que se destacam na dialetologia estão: a origem dos traços diferenciadores; a fragmentação da língua como sistema linguístico de comunicação e a estandarização da língua em zonas bilíngues.

Um dos aspectos mais frágeis das investigações da dialetologia tem sido a eleição dos informantes, pois os resultados dos estudos podem distorcer por completo a realidade da região. Considerando essa fragilidade, busca-se entrevistar adultos entre 60 e 70 anos por acreditar que essa faixa etária tende a usar formas menos contaminadas pelo contato com outras variedades linguísticas.

O principal objetivo da dialetologia é estudar os diversos dialetos de uma língua através dos espaços geográficos. Não resta dúvida que a geografia humana, a economia e a cultura também se refletem nesse filme das atividades sociais onde se projetam os padrões linguísticos dos falantes.

O que é dialeto sob a visão desta teoria? Certamente não corresponde a uma língua inferior nem muito menos a uma língua que não evoluiu, mas qualquer variação linguística apresentada de uma região

para outra. Conclui-se então, que dialeto, para a dialetologia corresponde à variação social tão trabalhada pela sociolinguística.

O nascimento da linguística como ciência histórica foi o ponto de partida para o reconhecimento dos dialetos e seus consequentes estudos. Então, quando os dialetos se equiparam às línguas de cultura, a dialetologia sobrepõe-se a qualquer outra manifestação linguística, afirmando-se o predomínio da linguagem falada sobre a escrita. Faz-se mister ressaltar que toda língua de cultura ou literária, na sua origem, não deixaram de ser dialetos, ou seja, toda língua que adquire representação escrita, começa como dialeto. Podemos exemplificar com o caso do andaluz como dialeto do castelhano e deste do latim.

É de origem histórica a explicação que se dá à distinção feita entre língua literária e dialeto. Seja por razões políticas, sociais, geográficas, culturais ou qualquer outra de cunho extra linguística, ao fragmentar-se uma língua, dos vários dialetos que dela derivam, há sempre um que se impõe e interrompe o auge dos demais. Aquele que se impõe desenvolve o caráter literário e é veículo de obras de alto valor estético que servirão de referência, enquanto os outros ficam delegados ao seu localismo.

Se nos reportarmos aos dicionários para entender o significado de dialeto, observaremos que o de Marouzeau apresenta uma explicação diacrônica, ou seja, trata o dialeto como forma particular adotada por uma língua em um domínio dado. Em contrapartida, Matoso Câmara se atém a uma definição sincrônica: “desde o ponto de vista puramente lingüístico, os dialetos são línguas regionais que apresentam entre si, coincidências de traços lingüísticos essenciais”.

Se nos propomos a pensar, um dialeto pode ser classificado como tal ou como língua, dependendo do viés pelo qual está sendo analisado. Se tomarmos a língua espanhola como exemplo, podemos classificá-la como dialeto se a analisamos diacronicamente, pois se originou do latim. Mas se fazemos uma análise sob uma visão sincrônica, o castelhano deixa de ser dialeto e ganha a nomenclatura de língua porque embora tenha a mesma raiz de outros dialetos, conseguiu se impor perante os demais de mesma origem. Além disso, foram-lhe acrescentados traços lingüísticos que lhe concederam este caráter.

Há que pensar em dois tipos de dialetos: um de caráter arcaico, como é o caso do leonês e do aragonês e outros de caráter inovador, como as falas meridionais e o espanhol da América. É assim que a segmentação territorial se constitui em fator decisivo na criação dos dialetos. Convém lembrar que dialeto, desde um ponto de vista estritamente lingüístico significa diferenciação. Diferenciação não quer dizer apenas fragmentação histórica e geográfica, já que pode implicar em fatores sociais ou geográficos. Um fato histórico deve ser considerado em seu resultado, mas deve estudar-se também na situação de contraste que cria a inovação atual frente às repetições de uma tradição. O estruturalismo norteamericano contribui com o conceito de idioleto, que é o conjunto de hábitos lingüísticos e de um indivíduo em um momento determinado, isto é, diferenças geográficas, sociais e individuais, simultaneamente. O fundamental é que o dialeto seja uma ponte que favoreça à plena inteligibilidade entre as pessoas de uma mesma comunidade, seja qual for a extensão desta área, porque se não há compreensão, estaríamos falando de outro dialeto.

Conclui-se então que a diferença entre dialeto e língua é que o primeiro corresponde à língua falada por uma comunidade lingüística. Enquanto isso, para constituir-se língua, é necessário incluir-se no mesmo processo, elementos extra lingüísticos que a transforme em língua literária ou de cultura. Pode-se definir língua como um sistema lingüístico caracterizado por sua forte diferenciação, por possuir um alto grau de nivelção, por ser veículo de uma importante tradição literária e por ter conseguido se impor a sistemas lingüísticos de mesma origem.

4. Relações entre a Sociolinguística e a Dialetologia

Ambas as correntes, dialetologia e sociolinguística, estudam a língua dentro da sociedade. Embora tenham diferentes propósitos, complementam-se mutuamente com seus achados lingüísticos e orientações metodológicas.

A dialetologia social dedica-se a estudar a variação social da língua, concentrando-se em apenas em alguns aspectos lingüísticos ao invés de fazer uma análise extensa dos subsistemas da língua. A

variação entre um número determinado de elementos linguísticos se correlaciona com variáveis sociais dos falantes como (status social, sexo, idade, profissão, procedência etnia, etc.) e estilos de fala (formal, informal, pedido, reclamação, etc.)

A dialetologia urbana responde à variação da língua entre as pessoas de comunidades heterogêneas. Em muitos dos centros urbanos encontram-se pessoas de diferentes procedências, profissões, classes sociais e atitudes linguísticas. Alguns residentes falarão dialetos rurais e outros empregarão variedades linguísticas menos conservadoras. Em certos centros urbanos se apresentarão casos de dialetos em contato, além de línguas em contato.

Cada indivíduo dispõe de um repertório verbal que envolve uma série de variedades linguísticas dentro do repertório de fala de uma comunidade. Segundo Trudgill (1983), a linguística teórica enxerga a língua como sendo produto de uma comunidade homogênea, porém a sociolinguística empenhou-se em provar o contrário, ou seja, considera a variação linguística dentro de uma sociedade heterogênea. Consequentemente, a dialetologia, através dos mapas geolinguísticos surge para provar a variabilidade do sistema linguístico.

Tanto a sociolinguística como a dialetologia contribuem para ampliar nossos conhecimentos sobre a variação linguística através do tempo, do espaço e das pessoas. A dialetologia através dos seus estudos das variações geolinguísticas e novos enfoques relacionados à variação social (dialetologia social e urbana) nos proporcionam informações fundamentais da língua na sociedade. A sociolinguística da sociedade (multilinguismo social, estudos de bilinguismo, línguas em contato e em conflito, atitudes linguísticas e comunidades de fala) e a sociolinguística da língua (estudos quantitativos de variacionismo probabilístico, gramáticas em contato, etnografia da comunicação e análise do discurso) contribuem com dados sobre a língua e os falantes.

5. Origem do *vos*

No século XVI, o *tú* e o *vos* coexistiam como formas de tratamento familiar ou de intimidade na língua espanhola, gerando uma certa confusão no uso de formas pronominais e verbais ao interpretar a complexa série de fenômenos que envolvem o uso do *vos* hispanoamericano. O uso do *tú* é conhecido por *tuteo*, enquanto que a preferência pelo *vos* se denomina *voseo*.

Essa coexistência suscitou as interferências entre ambos os tratamentos, porém também colaborou com diferentes soluções para resolver os problemas gerados pela duplicidade dos mesmos.

Fatores históricos e sociais são os grandes responsáveis pela distribuição geográfica das preferências. Podemos citar como exemplos, os casos como o da Espanha e zonas americanas do México, de Lima e das Antilhas que, pela forte influência das cortes reais, deixam de utilizar o *vos* para o tratamento mais íntimo direcionado a um único interlocutor, bem como o pronome oblíquo *os* e o possessivo *vuestro*, acompanhados das conjugações verbais de segunda pessoa do plural, triunfando sobre elas os pronomes *tú*, *te*, *ti*, *contigo* e os possessivos *tu* y *tuyo* e as formas verbais correspondentes à segunda pessoa do singular. Em contrapartida, na grande maioria das regiões da América, menos influenciadas pelas cortes, o paradigma que prevalece é o da preferência pelo *vos* para as funções de sujeito e de pronome preposicionado, *te* como pronome oblíquo e *tú*, *tuyo* como possessivos.

O *voseo* mais representativo costuma ser aquele relacionado à conservação de segundas pessoas do plural monotongadas, ou seja, as terminações *-áis*, *-éis*, correspondentes às terminações das segundas pessoas do plural dos verbos de primeira e segunda conjugações do presente do indicativo, respectivamente, perdem o “i”, resultando nas formas: *tomás*, *tenés*, *sos* etc. No imperativo há a perda do *-d-* final, ocasionando as formas *cantá*, *tené*, *vení*. Todas essas formas não se mantêm no uso peninsular após o século XVII.

Outras formas vigentes do *voseo* são constituídas pelo pronome de tratamento *vos* seguido pelo verbo conjugado na segunda pessoa seja do singular ou plural, sem nenhuma mudança, tanto no presente do indicativo como do subjuntivo, bem como em outros tempos verbais, como pode ser observado nos seguintes exemplos: *vos cantáis*, *vos ponéis*, *vos cantas*, *vos pones*, *vos sales*; *vos tengáis*, *vos tengas*; *vos sabrás vos das*, *vos estás*, *vos vas*, *vos ves*, *vos eras*, *vos tenías*, *vos tomabas*, *vos pudieras*, etc.

É provável que a homomorfia, tanto de singular como de plural, seja responsável pela formação e consolidação do *voseo* hispanoamericano, embora tenha contribuído na eleição do espanhol peninsular pelas formas ditongadas como: *dais, estáis, vais, veis*, redundando no triunfo de *cantáis, tenéis*, sobre *cantás, tenés*, apesar de não poder confundir-se com *cantas, tienes*; provocando além disso, a permanência das proparoxítonas *érades, amávades, teníades, quisiérades, pudiédeses, hizíeredes* até o século XVII.

Os exemplos apresentados que mostram a discordância entre o sujeito *vos* e o verbo imediato como “*vos quierés*” e “*vos eras*” podem ser o antecedente peninsular que ampliou a construção do *vos* com singulares *sales, tienes, estás, estudias* até os dias atuais na extensão da Cordilleira dos Andes, desde Bogotá até o Chile. Por outro lado, a forma *vos eras* ganha maior extensão de uso por espalhar-se por toda América, porém sua origem é atribuída ao plural *érades* e não do singular *eras*. É válido ressaltar a carência de um pronome oblíquo específico para referir-se ao *vos*, motivo pelo qual Bernal Díaz de Castillo traz à tona o primeiro exemplo americano da combinação do te com *vos* seguido de verbo em segunda pessoa do plural, hoje comum à fala de um guatemalteco, de um venezuelano, de um argentino, de um boliviano, de um paraguaio, de um uruguaio etc, como visto a seguir: *comprátele vos*.

A transformação fonética das segundas pessoas do plural de *-ades, -edes, -ides* > *-áis, -ás, -éis, -és, -ís* - não afetou sua diferenciação com respeito às formas da pessoa do *tú* nos presentes do indicativo e do subjuntivo que sempre se diferenciava por um acento, exceto com os verbos *dar, estar, ir e ver* porque a conjugação equivalente as duas pessoas, *vos* e *tu*, coincidem. As construções *vos das, vos des, vos estáis, vos vas, ve vos* existem na fala hispanoamericana atual, não somente nas regiões onde prevalece *vos tienes*, mas também onde predomina ou é exclusivo *vos tenés*, o que nos leva a aceitar a hipótese de uma confluência.

Temos que considerar que no final do século XV, o uso do *tú* e do *vos* não tinham se equiparado e que enquanto ambos servem para a confiança no colóquio ou na missiva, o uso peninsular dos séculos XVI e XVII nunca elimina matizes de estimacão social entre ambos.

A preferência de *-éis, -áis* perante as formas *-és e -ás* para diferenciar o pronome *vos* do *tú* reflete que as primeiras representam o uso cortesão e de maior privilégio. No imperativo, a preferência por *sed, estad, dad, ved* sobre los equívocos *sé, está, da*, ve redundando na imposição de *cantad, poned, salid* sobre *cantá, poné, salí*. Assim mesmo, o *-d* é conveniente para evitar homografias: embora sabendo que a prosódia distingue *cantá* [vos] de *canta* [tú], sendo o emprego do acento fundamental para diferenciar a idêntica escrita.

O desaparecimento do *-d* nas desinências verbais proparoxítonas da pessoa do *vos* entre os séculos XIV e XVII não aparenta encontrar obstáculos fonéticos em nenhum momento, porém se depara com a sua presença em formas como *fuerdes, vierdes*, cuja síncope vocálica retém o *-d*, motivo pelo qual esta letra se mantém com maior firmeza que em *amades, tenedes* quando se conservava a vogal postônica. Desta maneira, *amariades, veniades, tuviéssedes, quisiérades, fuéredes* não são consideradas, na segunda metade do século XV e durante a maior parte do XVI, intoleráveis arcaísmos, diferentemente de *queredes, sepades*, que já não figuravam no decorrer de 1460.

Quando o *-d* desaparece, surgem formas que se alternam, como: *diesses y disseis, tuvieras y tuvierais, querías y queráis*, bem como se alternam *tenés e tenéis, cantás e cantáis*. O risco de confusão entre o *tú* e o *vos* alcanza a dez tempos verbais do espanhol: *imperfecto* de indicativo, *potencial*, os dois *imperfectos* do subjuntivo, o *futuro hipotético* e os tempos compostos correspondentes. A manutenção do *-d* impera entre as pessoas cultas e se mantém na língua escrita. Além disso, ela freia, na fala, a generalização das formas contraídas.

Dois tendências opostas se manifestam sobre a sorte que têm os tratamentos íntimos e as formas gramaticais a eles anexas. A primeira, equivalente a comunidades que não comungam a igualdade social entre o *tú* e o *vos*. A segunda aceita as discordâncias como *vos tienes, vos quierés, vos sabrás*; sem preocupar-se com as confluências ante as formas verbais da pessoa do *vos* com a pessoa *tú* (*vos das, estás, sos, ves, da, está, eras, tenías, quisieras*), além de conservar as contrações monotongadas *cantás, querés* e os imperativos *soltá, poné, decí*.

6. Variação Geográfica e Social do Vos

O *voseo* é uma marca particular da América Latina que consiste na substituição do *tú* pelo *vos*, desta maneira, o *vos* corresponde ao pronome da segunda pessoa do singular e, conseqüentemente é utilizado nos mesmos contextos linguísticos que o *tú*. Em algumas regiões, o uso do *vos* coexiste com o do *tú*, embora em outras, seja a forma estandar escolhida. Este traço estendeu-se por toda a América hispânica e se mantém vigente até a atualidade.

Apesar da crença de que o *vos* é uma forma de tratamento particular do argentino, faz-se mister ressaltar que são dezesseis, segundo o linguista Lipsky, as zonas *voseantes* da América espanhola: o sudeste do México; o oeste do Panamá; a costa pacífica da Colômbia e a zona interior da Venezuela; a zona andina colombiana; a zona da costa do Equador; as zonas montanhosas do Equador; o sul do Peru; o norte do Chile, o noroeste de Argentina e o sul da Bolívia; Paraguai e o nordeste da Argentina; a zona central do Chile; o sul do Chile; a zona centro-sul da Argentina; o sul do Uruguai; e finalmente o norte do Uruguai (LIPSKI, 1994, p.15).

A história do *voseo* teve seu início na Espanha, no século IV, onde o *vos* era utilizado nos tratamentos de sumo respeito, inclusive era a forma escolhida para referir-se ao imperador, posto surgido com a divisão do Império romano. Paulatinamente o *vos* passou a ser usado para dirigir-se a qualquer tipo de autoridade como políticos, militares e religiosos. Daí surge a divisão de um sistema: o *tú* passou a ser usado para tratar a um interlocutor de menor ou igual autoridade a você mesmo, enquanto que o *vos* ficava reservado para contatos com interlocutores de maior autoridade que você.

No final do século XV os dois pronomes em questão ainda competiam entre si como pronomes formais e familiares, mas costumava-se usar o *vos* para fazer referência a sujeitos plurais. Assim, o *vos* começou a desaparecer do espanhol peninsular e se manteve em várias regiões hispanoamericanas. A maioria das grandes cidades que têm o espanhol como língua materna aderiu à preferência peninsular pelo uso do *tú* para tratamentos familiares. Porém, Maracaibo, Buenos Aires e Montevideu são exceções (LIPSKI, 1994, p. 50-51). Nesta região, nos séculos XVI e XVII, o pronome de tratamento *vos* passou a ser utilizado entre índios e escravos, mas esta realidade já não condiz com os dias atuais que, em países como Argentina, Uruguai e Costa Rica o *vos* é utilizado em todas as esferas sociais.

Nas zonas caribenhas o uso do *vos* é escasso, sendo tarefa dos meios de comunicação como televisão e rádio a difusão do *voseo*. Programas televisivos como os de Tinelli e Pergolini na Argentina são grandes responsáveis por esta difusão, principalmente no tocante às pessoas mais jovens.

A Bolívia é um país que pode servir como referência para demonstrar a coexistência entre o *tú* e o *vos*. Enquanto na zona andina existe uma predominância pelo uso do *tú*, a região da planície dá preferência ao *vos* como forma substituta do *tú*. Ainda devemos ressaltar a presença das discordâncias entre o pronome de tratamento *vos* e as formas verbais a ele relacionados na região andina: *vos comprás*; *vos compráis*; *vos bebes*; *vos bebéis*. O *vos* é usado neste país em contextos informais ou familiares.

Na Argentina e no Uruguai, o *vos* é uma variante considerada estandar, ou seja, é a forma generalizada, usada uniformemente no lugar do *tú* e aceito socialmente em todos os contextos de fala, inclusive em revistas e jornais televisivos. Embora haja dúvidas com respeito a veracidade do *vos* como forma correta de falar, a maioria da população rioplatense se identifica com este uso e é um meio que encontraram para afirmar a cultura crioula (LIPSKI, 1994, p. 172). Podemos chamar a atenção para o lugar da acentuação dos verbos correspondentes ao *vos*: sempre na última sílaba. Esta forma de acentuar é uma marca das gerações mais jovens e por tanto, incorreta. Na Argentina se usa muitíssimo o *vos*, muitas vezes inclusive com pessoas que não conhecemos e especialmente quando se trata de situações informais entre jovens. Nestes casos, parecerá estranho que se faça uso do *usted* para substituir o *vos*.

O *voseo* encontrado nas regiões centroamericanas que o têm como forma estandar (Guatemala, Costa Rica, Nicaragua) possuem, em geral, as mesmas características que o *voseo* rioplatense. Em Costa Rica é muito comum que se use o pronome *usted* para contextos formais e informais, é habitual observar um casal de noivos tratando-se por *usted*, dirigir-se a uma criança fazendo o mesmo uso e assim sucessivamente. Porém, como estamos tratando da América Central de forma geral, é bom recordar que no México e em El Salvador se faz uso do *tú* e do *vos*, devendo-se obedecer os critérios obedecidos por cada região e contexto.

A idoneidade do *tú* e do *usted* não depende somente do interlocutor, mas também de quem inicia a conversação. Uma pessoa com mais de quarenta anos, com certeza, usa mais o *usted* do que quando tinha seus vinte anos de idade e, conseqüentemente, espera com muito mais frequência, ser tratado por *usted* que antes em determinadas circunstâncias.

Determinadas profissões também exigem um tratamento mais formal e, quando se trata de um cargo que lida com pessoas de várias idades, o normal é que se trate por *tú* ou *vos* àqueles muito jovens (digamos, os menores de 25 anos), a todos os demais deve-se tratar por *usted*, a não ser que já se tenha adquirido uma relação de confiança entre os que, a princípio, eram meros desconhecidos, exceto com os maiores de sessenta anos de idade que se costuma manter um tratamento mais formal.

Embora não se tenha uma forma de bolo para evitar os equívocos, de forma geral se obedecem os seguintes critérios: *tú* = uso informal; *vos* = uso informal em alguns países latinoamericanos e *usted* = uso formal.

Referências

- ALVAR, M. **Manual de dialectología hispánica: el español de España**. Ariel Linguística, 1999;
- CARRICABURO, Norma Beatriz. **El voseo en la historia y la lengua de hoy: las formulas de tratamiento en el español actual**. Elcastellano.org: La pagina del idioma español;
- FERNANDEZ, F.M. **Estudios sobre variación lingüística**. Universidad de Alcalá de Henares, 1990;
- _____. **Adquisición de segundas lenguas: variación y contexto social**. Madrid. Arco Libros: 2000.
- GARCÍA, J.M. **El diccionario en la enseñanza del español**. Madrid. Arco Libros: 1999;
- GRIFFIN, K. **Lingüística Aplicada a la enseñanza del español como 2/L**. Madrid. Arco Libros, S.L.:2005;
- LABOV, W. **The linguistic variable as a structural unit**. Washington Linguistics Review, 1965;
- LAPESA, Rl. **El español moderno y contemporáneo: estudios lingüísticos**. Madrid: crítica, 1996;
- LIPSKI, John M. **Latin American Spanish**. Longman Publishing; New York: 1994;
- LOPE, Blanch J. **Estudios sobre el español hablado en las principales ciudades de América**. Universidad Nacional Autónoma de México, 1977;
- MASIP, V. **Gramática histórica portuguesa e espanhola: um estudo sintético e contrastivo**. São Paulo. E.P.U: 2003;
- MENÉNDEZ P.R. **Orígenes del Español: Tomo VIII**. Espasa-Calpe, S.A. Madrid,
- MILANI, E. M. **Gramática de espanhol para brasileiros**. São Paulo. Saraiva: 2006;
- MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**. São Paulo: Cortez, 2005;
- WEINBERG, M. B. F. **Formulas de tratamiento en el español Americano (Siglos XVI y XVII)**. CONICET; Universidad Nacional del Sur; 2002.